

O ECUMENISMO NA AMÉRICA LATINA HOJE

Robson Francisco das Chagas¹

A centralidade da Palavra

A América latina também sofre devidos estas questões. A nossa história cristã foi baseada praticamente pela doutrina católica.

O amor pela Bíblia encontrou expressão em vários desdobramentos notáveis. A vida das comunidades protestantes passou a girar em torno das Escrituras e da sua mensagem. A própria arquitetura dos templos passou a refletir as novas convicções: a decoração modesta, a ausência de imagens e do altar, o destaque dado ao púlpito e à mesa da comunhão. O foco central do culto passou a ser a pregação expositiva da Bíblia, bem como a celebração dos sacramentos da ceia e do batismo. Os pastores ficaram conhecidos como os “*Ministros da Palavra*”.

Em contraste com a Idade Média, em que a arte sacra era considerada “*a bíblia dos ignorantes*”, os reformados passaram a incentivar a educação para que as pessoas pudessem ler a própria Bíblia. Como seria de se esperar, as Escrituras influenciaram poderosamente todos os aspectos do universo protestante: a teologia, a liturgia, a pregação, a hinódia, a devoção pessoal e familiar, a vida intelectual, a literatura e a arte, bem como as concepções éticas, políticas e sociais. Nos países marcados pela Reforma, o próprio idioma absorveu um grande número de palavras e expressões bíblicas. A Bíblia também esteve por trás dos grandes movimentos de revitalização das Igrejas Evangélicas, como o puritanismo inglês, o pietismo alemão e os grandes despertamentos norte-americanos. Desde o século XVI, com os próprios reformadores, o estudo dos textos nas línguas originais e a adoção de princípios equilibrados de exegese e hermenêutica (como o método histórico-gramatical) têm gerado um imenso e valioso legado de reflexão bíblica.

Outra área da vida das igrejas que teve profunda conexão com as Escrituras foi o esforço missionário. Desde os primeiros contatos com povos não-cristãos, os protestantes se preocuparam em traduzir a Bíblia para as línguas nativas. Essa preocupação se intensificou a partir do final do século XVIII, através de homens como William Carey, que verteu as Escrituras para várias línguas do subcontinente indiano. Fator importante nesse processo foi o surgimento das grandes sociedades bíblicas – a Britânica (1804) e a Americana (1816). Através de seus agentes, os valorosos colportores, essas sociedades espalharam a Bíblia pelo mundo afora. Hoje, graças aos esforços de organizações como Tradutores Wyclif da Bíblia, são relativamente poucas as pessoas que não têm nenhuma parte das Escrituras em sua língua materna.

O ecumenismo na américa latina

A visão dos precursores do ecumenismo latino-americano foi sempre buscar uma aproximação popular, que seriam as bases ou onde se apoiariam na procura de uma educação bíblica voltada para as massas. Como forma de solidariedade e volta aos princípios que nortearam a Reforma Luterana.

A vida de Jesus é um exemplo, quando o próprio Senhor que veio às ovelhas perdidas de Israel. Não se aliou a nenhum partido dominante à época, nem tão pouco deixou se enveredar pelo legalismo protagonizado pelos fariseus e escribas, ratificado pelo sumo sacerdote.

¹ Robson Francisco das Chagas – Pedagogo, Historiador e Teólogo.

Na visão ecumênica do cristianismo, a aproximação da camada dos menos favorecidos foi notória no início da igreja. Com o passar dos anos percebe-se um afastamento paulatino da liderança eclesiástica dos anseios do povo.

Não fosse a luta de um monge na Alemanha que “rasgou” a comunhão com a igreja dominante e buscou uma interpretação real das Escrituras Sagradas, possivelmente hoje não estaríamos discutindo o ecumenismo.

A distância existente entre o velho e o novo mundo manteve afastado por longos a participação efetiva das igrejas fundadas neste novo continente. Porém a busca por uma identidade própria e a quebra do jugo da teologia européia, despertou nos cristãos latinos americanos a vontade de uma “teologia” genuinamente americana.

Com isso vemos a preocupação de uma maior participação nas questões inerentes a fé cristã e a volta de um ecumenismo de base.

Algumas ordens e conselhos de igrejas tem se reunido para discutir uma “união” em torno da necessidade de aglutinar esforços no sentido de promover a obra missionária.

Temos, por exemplo, o Conselho de Igrejas Evangélicas Metodistas da América Latina e do Caribe (CIEMAL) que nasceu em Santiago do Chile, em fevereiro de 1969. Este conselho tem o propósito de expressar a unidade conexional e o testemunho das Igrejas Metodistas a serviço da vida de nosso povo latino-americano e caribenho e sua ação em comum. Com uma presença marcante no Caribe, que começou em 1760 na Ilha de Antigua e em 1836 na América, com bases na Argentina e no Brasil.

O CIEMAL reúne quase um milhão de membros e sua missão se realiza mediante congregações situadas em todas as principais cidades, zonas rurais e indígenas, bairros pobres e marginais, programas educativos e a serviço da infância, juventude e idosos. Também estão presentes nas escolas, universidades, clínicas, hospitais, projetos para crianças de rua, mulheres, restaurantes populares e outras formas de serviço evangélico e social. Desta maneira, o CIEMAL responde ao “ide” de Jesus, uma ordem imperativa: “Avance por todo o mundo”, e também manifesta a visão missionário de Juan Wesley, o fundador do movimento metodista na Inglaterra no século XVII, “O mundo é minha paróquia”.

Em termos práticos de uma visão ecumênica voltada para pregação do evangelho de Jesus, o famoso evangelista Billy Graham enfocou a campanha chamada MINHA ESPERANÇA. Esta campanha foi desenvolvida num lema ecumênico, pois pretendia alcançar todas as nações. Na América latina teve um desenvolvimento potencial, bem como no Brasil, no ano de 2008, levando a um pseudo-ecumenismo, quando promoveu a união de quase todos segmentos evangélicos do país em prol deste movimento que tinha por objetivo principal levar a mensagem de Jesus e conseguir a conversão de mais de um milhão de almas.

Graham, dotado de grande capacidade evangelística e possuidor de um grande capital econômico, divulgou nos principais canais de televisão do Brasil, no horário chamado nobre, a sua campanha de pregação evangelho. Foi uma atividade que juntou várias denominações evangélicas, e até mesmo católicas, promovendo o “Ide de Jesus”.

O ecumenismo católico

A igreja católica também se preocupa com a visão ecumênica e propõe a introdução de um melhoramento radical das atitudes católicas em relação aos outros cristãos; a abordagem polêmica do passado não é mais predominante. Os católicos têm uma atitude positiva no que se refere à tarefa ecumênica a desempenhar. Eles desejam conhecer mais profundamente as outras igrejas e comunidades cristãs, enquanto manifestam em geral a vontade de participar nos acontecimentos e encontros ecumênicos, e de maneira especial no que diz respeito à oração conjunta em favor da unidade. O ecumenismo espiritual constitui uma prática muito difundida.

Distarte a contemporaneidade, os católicos não tem sido ingênuos. Sabem que as diferenças estão nítidas e apresentam muitas dificuldades, principalmente concernente ao culto cristão, estão dispostos a contribuir em prol do ecumenismo e tem levantado a bandeira em favor de uma união cristã na América latina em torno das principais questões sociais que envolvem diretamente os princípios bíblicos. Temas polêmicos como aborto, drogas, violência e criminalidade estão na pauta para uma discussão conjunta com as outras igrejas cristã, e um olhar de conjunto sobre estas dificuldades pode ser útil, enquanto evidenciam os desafios enfrentados por aqueles que trabalham pela unidade dos cristãos a nível prático.

Oposição ao ecumenismo

A intolerância religiosa é um marco mundial. Líderes de seitas extremistas manifestam o ódio e disseminam o terror mundial. Muita violência ocorreu no mundo devido as questões religiosos. Quantas pessoas foram presas, perseguidas ou mortas em nome de Jesus simplesmente porque discordavam de algum dogma. A história de John Bunyan, escritor do segundo livro mais lido na Inglaterra, *O Peregrino*, preso porque anunciava o evangelho de Jesus e faltava aos cultos da Igreja Oficial.

Mesmo diante da utopia e euforia ecumênica que parece atender aos anseios de uma parcela da comunidade cristã, sabemos que está muito longe de acontecer uma união. Segundo os teólogos e especialistas em escatologia, surgirá uma igreja unida e apóstata nos dias de domínio do anticristo. Portanto qualquer movimento ecumênico é visto com propriedade e desconfiança entre conservadores e ortodoxos cristãos.

A possibilidade de união somente é ventilada nos casos de comoção e inquietação mundiais ou locais. Por exemplo temos as calamidades que atingiram o continente asiático, onde ondas gigantes chamadas *tsunamis* provocaram caos e destruição. Neste momento de dor e sofrimento vemos várias entidades se juntarem em prol do bem comum e apoio de solidariedade. São entidade religiosas ou não. E esta união não envolve diretamente o campo religioso. Terminado este momento de angústia a parceria acaba.

CONCLUSÃO

Obstante o esforço missionário de nossos antepassados, vemos que a influência católica foi muito grande na comunidade latino americana e trouxe algumas consequencias que hoje prejudicam o esforço ecumênico. A tradução e divulgação da Bíblia em várias línguas propiciou um maior esclarecimento das Escrituras Sagradas e proporcionou uma mudança na mentalidade de muitas nações do mundo.

É difícil e talvez seja impossível uma mentalidade ecumênica com uma tão grande diversidade de religiões dita cristã.

Para exemplificar o esforço ecumênico católico transcrevemos a seguinte publicação:

CIDADE DO VATICANO, quarta-feira, 20 de janeiro de 2010 (ZENIT.org).- O Papa Bento XVI repassou, durante a audiência geral de hoje, os recentes acontecimentos que mostram a aproximação entre os cristãos, especialmente no ano que acaba de terminar.

O diálogo que começou após o Concílio Vaticano II, explicou, “iniciou relações fraternas com todas as igrejas do Oriente e as comunidades eclesiais do Ocidente”, através de “diálogos teológicos bilaterais, que levaram a encontrar convergências e inclusive consenso em diversos pontos, aprofundando assim os vínculos de comunhão”.

“No ano passado, os diálogos registraram passos positivos”, afirmou o Papa, sublinhando a transcendência dos encontros teológicos mantidos com os ortodoxos, assim como as relações com luteranos e outras comunidades cristãs ocidentais.

Em primeiro lugar, referiu-se à nova fase do diálogo com as igrejas ortodoxas, aludindo à reunião da plenária da Comissão Mista Internacional para o Diálogo Teológico, em Paphos (Chipre), em outubro de 2009.

Nela, começou-se a estudar “um tema crucial no diálogo entre católicos e ortodoxos: ‘O papel do Bispo de Roma na comunhão da Igreja no primeiro milênio’, isto é, no tempo no qual os cristãos do Oriente e do Ocidente viviam em comunhão plena”, explicou o pontífice.

Está previsto que este estudo se estenda durante o segundo milênio. “Já pedi muitas vezes a oração dos católicos por este diálogo delicado e essencial para todo o movimento ecumênico”, acrescentou.

Também se referiu ao diálogo com as antigas igrejas ortodoxas do Oriente (copta, etíope, síria, armênia), cuja Comissão Mista se reuniu há quase um ano.

“Estas importantes iniciativas testemunham que existe atualmente um diálogo profundo e rico de esperanças com todas as Igrejas do Oriente não em plena comunhão com Roma, em sua própria especificidade.”

Ocidente

Com relação ao diálogo com as comunidades eclesiais do Ocidente, o Papa explicou que no ano passado se fez um exame dos últimos 40 anos de diálogo, “detendo-se em particular nos mantidos com a Comunhão Anglicana, com a Federação Luterana Mundial, com a Aliança Reformada Mundial e com o Conselho Mundial Metodista”. “Com relação a isso, o Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos realizou um estudo para evidenciar os pontos de convergência aos que se havia chegado nos respectivos diálogos bilaterais e indicar, ao mesmo tempo, os problemas abertos sobre os quais será preciso iniciar uma nova fase de confrontação.”

Em especial, o Papa quis sublinhar a importância da Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação, que em 2009 cumpriu seu 10º aniversário, para o diálogo entre luteranos e católicos.

Também quis ressaltar a importância da última visita a Roma do reverendo Rowan Williams, arcebispo da Cantuária e cabeça da Comunhão Anglicana, e sublinhou que “o compromisso comum de continuar as relações e o diálogo são um sinal positivo, que manifesta quão intenso é o desejo de unidade, apesar de todos os problemas que se opõem”.

O Papa quis destacar, não obstante, que, apesar dos esforços humanos, a unidade “é, antes de tudo, um dom de Deus”: “existe uma dimensão da nossa responsabilidade em fazer todo o possível para chegar realmente à unidade, mas também há outra dimensão, a da ação divina, porque só Deus pode dar unidade à Igreja”. “Uma unidade ‘autorrealizada’ seria humana, mas nós desejamos a Igreja de Deus, feita por Deus, que, quando Ele quiser e quando nós estivermos preparados, criará a unidade”, concluiu. (ZENIT, 2010)

Vemos o esforço da igreja católica para manter um diálogo ecumênico inter-religioso. Este movimento mundial propõe o fim das diferenças e o respeito as várias formas de pensamento. O pluralismo religioso que permeia as nações da terra deve ser visto numa perspectiva de respeito mútuo.

Porém observando as divergências doutrinárias existentes nas religiões evangélicas que não conseguem manter um diálogo, se torna utópico um diálogo inter-religioso.

Distarte de todos os esforços, o povo latino americano desenvolve uma política de aproximação das religiões cristãs e para isso conta com diversas entidades que lutam para uma visão centralizadora em prol do crescimento e entendimento do ecumenismo, abrindo o diálogo entre as diversas religiões.

Referência bibliográfica:

ANGUS, Joseph. *História Doutrina e interpretação da Bíblia*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 2005.

Bíblia Sagrada. Trad: João Ferreira de Almeida. ARC, São Paulo: Gospel, 2006.

BOLL, Godofredo. *O ecumenismo no Brasil na visão de um luterano*. In: *Presença Luterana*, São Leopoldo: Sinodal, 1989

CESAREA, Eusébio. *A história eclesiástica*. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

HURLBUT, Jessé Lyman. *História da Igreja Cristã*. Trad: João Batista. Ed. Revista e Atualizada, São Paulo: Vida, 2007.

MCDOWEL, Josh. *Evidência que exige um veredicto*. Rio de Janeiro: Candeias, 2004.

MEIN, John. *A Bíblia e como chegou até nós*. Rio de Janeiro: Ed. JUERP, 2006.

SITES:

http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/chrstuni/documents/rc_pc_chrstuni_doc_20041121_farrell-ecumenismo_po.html, acesso em 04 de março de 2010.

http://miriamz.sites.uol.com.br/Biblia/canon_biblico.htm, acesso em 05 de março de 2010.

<http://www.icegob.com.br/marcos/canon1po.html>, acesso em 06 de março de 2010.

http://www.gospelbr.com.br/recursos/exibe.php?registro_recurso=267&sistema=estudos, acesso em 06 de março de 2010.

http://www.ibarinopolis.com.br/paginas/ministerios_ensino/EBD/visao_panoramica/licao_01.htm, acesso em 04 de março de 2010.

<http://www.zenit.org/index.php?l=portuguese>, acesso em 06 de março de 2010.